

A um passo do voto

CARLOS MONFORTE

É de enlouquecer. Faltam quatro dias para acontecer a maior eleição do País em vinte e quatro anos e a expectativa é grande demais. Tudo vai terminar no primeiro turno, mesmo? Pelo que dizem os institutos de pesquisa, de 3 de outubro não passa. E olha que todos eles — os maiores, pelo menos — dizem a mesma coisa, de maneiras diferentes. Nenhum nega outro.

Há dono de instituto que até jura que a eleição está definida. No primeiro turno e com Fernando Henrique, para desespero de Lula e dos outros candidatos. Aliás, por falar em outros candidatos, todos eles foram um tremendo desastre. Podem levantar todas as causas para isso, mas tenho certeza que eles mesmos fazendo autocrítica, sabem que foram um fiasco.

Alguns a gente até sabia que não iam emplacar, caso do senador Esperidião Amin. Mas juro que esperava "performance" melhor. Na maioria das pesquisas, ele anda atrás do surpreendente doutor Enéas que, com seu sonoro bordão, anda encantando a militância de direita do País, órfã faz tempo. Mais que isso, hoje ele representa o voto zangado, de protesto, uma espécie de voto-cacareco dos anos 50.

Quércia também capengou, apesar do trabalho dedicado de sua assessoria de televisão, nas mãos de Chico Santa Rita. O Chico caprichou, enfeitou, fez do Quércia um sujeito elegante e do programa uma coisa fina, mas não adiantou nada porque o passado faz com que as pessoas não acreditem mais nele. Bate em Fernando Henrique o tempo todo, faz acrobacias, inventa, mas de nada adianta, não sai do lugar.

Leonel Brizola é outro. Claro que seu passado é outro, mas o problema é que ele só vive desse passado. E quando tenta ser mais moderno, tropeça naquele famoso pecado, que foi o de dar respaldo a Collor. Ou, como querem os pedetistas, tirou partido de Collor, em benefício do Rio. Não adianta: sua

histórica imagem ficou grudada à de Collor. E bater na TV Globo só atrai audiência, mas não dá voto. Além disso, Roberto Marinho não é candidato a nada.

E por que tudo isso? Por que uns não deram certo desde o começo, outros até que começaram bem, mas se perderam pelo caminho? A resposta é única e já está na boca de todos: a causa de tudo isso é o único fato novo dessa eleição, que teve pirotecnia de parabólicas e denúncias que não levaram a nada — é o Plano Real. Não adianta a turba estrebuchar, dizer que o plano é eleitoreiro e coisas do gênero. O fato é que a inflação caiu e, pelo menos até agora, a estabilização econômica é um fato.

Vejam vocês que o IPC-r de setembro — aquele mesmo que deu os polêmicos 5% em agosto — deu agora 1,51%, a inflação mensal mais baixa em oito anos. Assim, podem xingar, gritar, que o fato é esse. Agora, se isso vai dar a Fernando Henrique a vitória no primeiro turno, não se sabe. É até bem provável que seja isso, mas intenção de voto, repito, não é voto.

Os donos dos institutos de pesquisa é que estão otimistas. Dizem eles que o real é tão forte que bate até mesmo a famosa militância do PT. Uma coisa anularia a outra. Pode ser. Mas é arriscado ir mais longe, embora no Brasil tudo seja muito emocional, apaixonante. Principalmente quando se trata de eleição, de disputa entre correntes. Mesmo quando devemos ser mais sensatos que irracionais. Não tem jeito.

Portanto, diante desse mar de pesquisas (pode ser que saia a última ainda no domingo, durante o Fantástico, para desespero dos que estão embaixo), a fotografia do momento é essa. Mas a batalha maior vai ser mesmo na segunda-feira, quando todos estiverem com as mãos no voto. Ele é sua maior arma contra os maus políticos. Use-o.

■ Carlos Monforte é jornalista